



CLIPPING ELETRÔNICO  
<http://www.sed.rct-sc.br/clipping>

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

# CLIPPING

Recortes de notícias sobre educação

## Assessoria de comunicação

# Clipping

## 1º/06/2012



CLIPPING

<b>Veículo:</b> Notícias do Dia	<b>Editoria:</b> Opinião	<b>Data:</b> 1º/6/12
<b>Assunto:</b> A urgência de avançar na educação		<b>Página:</b> 6

## A urgência de avançar na educação



**Dilson Sardá**  
Professor da Udesc

Há muito sabemos que a educação é a mais importante ação de desenvolvimento sustentável – das pessoas e de um país – e, comprovadamente, a mais eficaz ação para eliminação das desigualdades sociais, para combater a miséria, a ignorância e a violência urbana.

Para alguns analistas da educação brasileira, falta muita cobrança da sociedade para que ela alcance níveis convenientes às necessidades do país. Pela arbitragem esclarecida e moderadora da razão, a demanda, em qualquer atividade humana, sempre foi fator determinante no formato da oferta – nos planos qualitativo e quantitativo – e não poderia ser diferente na educação, pois quem decide quando, onde e porque os filhos devem ir para a escola são os pais! Um antigo provérbio corrobora essa afirmação: pais educam, escolas ensinam, que sugere quem deve fazer o que na educação.

No entanto, a realidade da demanda educacional – levantada por estudos e pesquisas – revela que a educação não é importante para muitos pais, que se mostram indiferentes à educação dos filhos, matriculando-os por outras necessidades familiares, como o Bolsa Família, como um lugar seguro para os filhos ficarem e se alimentarem enquanto eles trabalham! Por falta de cobrança dos pais, o comportamento dos alunos não é focado no interesse em aprender, gerando todo tipo de indisciplina e de violência dentro do ambiente escolar.

Em consequência do comportamento da demanda, e também do desinteresse dos governos na for-

mulação de estratégias convenientes para a educação (não obstante a existência de Conselhos de Educação em alguns estados, que completam 50 anos de vida), a oferta se mostra retraída e as instalações, precárias e deterioradas. Além disso, um corpo docente indolente e desmotivado é incompatível com o objetivo de ensinar.

Diante disso, é necessário, urgentemente, estimular a procura por educação, pois é desalentador constatar a existência daquele cenário na educação de nosso país, quando sabemos que os principais atores da violência urbana – que cresce e assusta – são os adolescentes e os jovens, que estão fora da escola sob o pretexto de que a educação não vai trazer nenhum benefício para suas vidas!

Nossas mães são as pessoas mais importantes de nossas vidas e quando assumem a função de educadoras passam a exercer o mais importante papel no desenvolvimento da sociedade: preparar nossas crianças para uma sociedade melhor. (Quem vai hoje a uma escola pública fica emocionado com a quantidade de mães educadoras que atuam na tarefa de ensinar nossas crianças, com aquelas características próprias de mães, muito embora desmotivadas e desvalorizadas).

Diante disso, valorizar a educação – enaltecendo seus benefícios para a vida – é a forma mais eficaz para se criar um ciclo virtuoso: melhorar a demanda com a valorização da educação e melhorar a oferta com a valorização das mães/educadoras.



**Por falta de cobrança, muitos alunos não demonstram interesse em aprender, gerando indisciplina e violência no ambiente escolar.**





Veículo: Folha de SP

Assunto: A panaceia

# Apanaceia

MOISÉS NAÍM

**QUAL É a solução para a pobreza? A educação. Para a corrupção? Educação. Para o subdesenvolvimento? Educação. Para reduzir a criminalidade e a insegurança dos cidadãos? Educação. Para o que a educação não é solução? Nada. Qual é a prioridade dada à educação? Seguindo os discursos, a máxima. Na realidade: nem tanto.**

**Em quase todos os países, as pes-souas declaram que o sistema de ensino é inaceitavelmente falho. E as estatísticas lhes dão razão.**

**Entre 2000 e 2006 – os anos do boom econômico –, o desempenho dos estudantes do ensino secundário em termos de leitura piorou significativamente na Espanha, no Japão, na Noruega, na Itália, na França e na Rússia, entre outros países.**

**O desempenho em matemática caiu na França, no Japão, na Bélgica e em outros países desenvolvidos. Os que se saíram melhor nes-**

**sas provas foram Finlândia e Coreia do Sul. E agora a austeridade fiscal na Europa terá efeitos devastadores sobre a educação.**

**Além disso, e em contraste com os Estados Unidos, onde o ensino superior de excelência continua a ser forte, na Europa apenas algumas poucas universidades estão entre as cem melhores do mundo. Nenhuma universidade espanhola ou italiana entrou para essa lista.**

**E a América Latina? É melhor nem falar. A educação superior consegue orçamentos enormes e seus resultados, comparados com os de outras regiões, são lamentáveis.**

**Se a educação está em crise nos países ricos, nos menos desenvolvidos é um desastre. Ela consome uma fatia enorme dos orçamentos nacionais, sem ter muito o que mostrar em matéria de qualidade. Mesmo os países que vêm tendo grandes sucessos em outras áreas fracassam no campo educativo.**

**O Chile, um dos países em desenvolvimento mais bem-sucedidos do mundo, tem lacunas importantes na educação, tanto assim que os pro-**

**testos estudantis se tornaram um problema político já crônico.**

**Novamente, o paradoxo de tudo isto é que “a educação” é a solução que sempre aparece quando se discutem os problemas do mundo. Em todas as partes, inúmeros candidatos a cargos políticos de todo tipo prometem ser o presidente (ou o governador ou o prefeito) “da educação”. Mas, apesar do consenso em torno do problema, a crise educativa mundial continua inalterada.**

**Ninguém tem clareza em relação ao que fazer. Mais computadores nas salas de aula? Melhores salários para os professores? Menos alunos por classe? Descentralização do**

**ensino? Centralização? Aumentar os incentivos, para que haja mais competição entre escolas e professores? Mais recursos para o sistema educativo? Já se tentou de tudo, e não há resultados conclusivos.**

**Cingapura, por exemplo, é o país cujos estudantes estão entre os melhores do mundo. E um dos que menos gastam com ensino primário.**

**Em todas as partes do mundo, inúmeros candidatos prometem ser o presidente “da educação”**

**O que dizer de tudo isso? Que a crise da educação (da qual temos falado pouco ultimamente) é tão grave quanto a crise econômica (da qual não deixamos de falar).**

**É óbvio que as soluções que o mundo tem para a crise da educação são tão pouco confiáveis quanto as que está usando para enfrentar a crise econômica.**

@moisesnaim

Tradução de CLARA ALLAIN

CLIPPING

Editoria: Mundo

Data: 1º/6/212

Página: A18



CLIPPING

Veículo: Folha de S. Paulo

Editoria: Tendência/Debates

Data: 1º/6/12

Assunto: Por um país grande, realmente de todos

Página: A3

# Por um país grande, realmente de todos

PRISCILA CRUZ

Em várias áreas, a desigualdade ainda é uma das características mais marcantes do nosso país, um eco da nossa história que torna comum a ideia de que é natural que existam diferenças de oportunidades entre os grupos sociais.

A desigualdade educacional talvez seja a mais cruel de todas. Tão importante quanto melhorar a qualidade da educação básica, garantindo a aprendizagem de que os alunos precisam para a vida, é combater as desigualdades educacionais.

Diversos indicadores educacionais apontam para resultados extremamente desiguais. E um resultado ruim puxa outro.

As crianças que vivem em famílias mais pobres frequentam menos a educação infantil. A taxa de conclusão do ensino médio é menor entre os jovens cujas mães têm baixa escolaridade. As escolas que apresentam resultados de desempenho mais baixos estão concentradas nas regiões mais pobres.

Em um país tão desigual, as médias dizem pouco. Elas são insuficientes para a avaliação dos cenários reais. Escondem, por exemplo, os que estão muito lá atrás ou os que estão muito à frente.

Quando o foco era universalizar as matrículas, as políticas eram mais homogêneas, pois construir uma escola, por exemplo, para uma criança com mais dificuldade em matemática é igual a construí-la para outra que esteja defasada em leitura e escrita.

Atualmente, o maior desafio é a qualidade do ensino, o que torna a política educacional mais complexa, pois ganhos de qualidade com maior equidade dependem de reconhecermos as diferentes necessidades de cada rede, escola e aluno.

Portanto, precisamos ter diagnósticos claros e mais desagregados, estratégias diversificadas e mais precisas e implementação competente e mais eficaz.

Não existe qualidade sem equidade. Os países que estão no topo do ranking mundial da educação apresentam uma média alta de desempenho e baixa desigualdade entre os alunos e redes.

Um exemplo é o Canadá, país entre os cinco primeiros colocados no Pisa (Programa Internacional de Avaliação de Estudantes), que, apesar de abrigar um fluxo migratório intenso de famílias de várias partes do mundo, tem uma das menores desigualdades educacionais.

Este é o momento de termos políticas públicas específicas para problemas específicos, adequadas a cada caso, que garantam uma atuação mais estratégica para lidar com um objeto muito mais sofisticado: a aprendizagem de todos e o combate à desigualdade.

Em uma sala de aula, nenhum aluno pode ficar para trás, esteja ele na região Sul ou na região Norte do país, seja ele de família de baixa ou alta renda. Os pontos de chegada dos alunos serão certamente diferentes, mas não se pode aceitar que alguns estejam tão defasados a ponto de acumular lacunas que impossibilitem seu sucesso ao longo de

toda a sua trajetória escolar, com aprovação e aprendizagem.

Hoje, o Brasil passa por um momento importante de crescimento. Mas crescer economicamente sem aumento da qualidade e da equidade na educação é um equívoco.

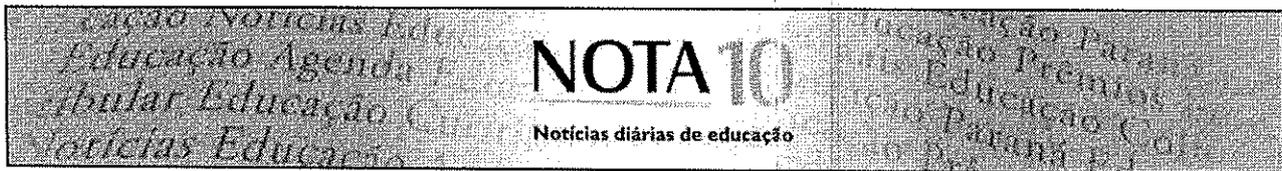
É hora de que os frutos desse crescimento sejam usados para melhorar a vida de todos. Acima de outras prioridades estruturais, como os nós logísticos de infraestrutura e da questão tributária, se o Brasil quiser ser um país desenvolvido, sustentável, fortemente competitivo e socialmente justo, terá que colocar a questão da qualidade da educação no topo de suas prioridades.

Vale sempre lembrar que o direito à educação de qualidade é universal e igual para todos. O Brasil só será um grande país quando for realmente de todos.

PRISCILA CRUZ, 37, é diretora-executiva do Movimento Todos Pela Educação

Para universalizar matrículas, políticas homogêneas serviam. Agora é preciso mudar. Médias escondem os alunos que estão muito atrás ou muito à frente





Você está em &gt; Notícias

Curitiba | Sexta-feira, 01 de Junho de 2012

- [Página Inicial](#)
- [A Empresa](#)
- [Coluna 10](#)
- [Helio Nota 10](#)
- [Notícias](#)
  - [Brasil](#)
  - [Paraná](#)
  - [Agenda](#)
- [Artigos](#)
  - [Autores](#)
- [Vestibular](#)
- [Prêmios e Concursos](#)
- [Anuncie](#)
- [Fale Conosco](#)

#### RECEBER INFORMATIVO

Nome

E-mail

Brasil  Outro

país

Estado

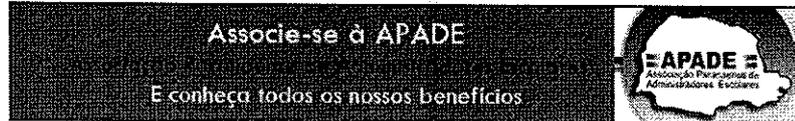
Cidade

#### NÃO RECEBER MAIS INFORMATIVO

E-mail

#### SIGA-NOS

- [Facebook](#)
- [Twitter](#)



NOTÍCIAS - Brasil

[Voltar](#)

## PNE: relator prevê R\$ 20 bilhões para alfabetização nos próximos dez anos

Quinta-feira, 31 de Maio de 2012 - [0 comentário\(s\)](#) - 18 Visualizações

O relator do Plano Nacional de Educação (PNE – PL 8035/10), deputado Angelo Vanhoni (PT-PR) finalizou ontem (30) a leitura do novo relatório da proposta (uma complementação de voto) na comissão especial que analisa a matéria.

Vanhoni incluiu no texto final a previsão de que serão destinados R\$ 20 bilhões para a alfabetização nos próximos dez anos. "Pela proposta encaminhada pelo governo, não havia destinação de recursos, porque, segundo o governo, não há falta de dinheiro para a alfabetização", explicou Vanhoni.

O relator afirmou ainda que o País tem hoje 28 milhões de analfabetos funcionais – aqueles que sabem ler, mas não compreendem o que leem. Ele ressaltou ainda que o analfabetismo está concentrado nas Regiões Norte e Nordeste.

Outra meta do PNE é triplicar as matrículas da educação profissional técnica de nível médio, assegurando a qualidade da oferta. A meta é atingir 2 milhões de matrículas nos próximos 10 anos – metade disso na rede pública.

Pela complementação de voto do relator, fica mantida a previsão de investimento público em educação nos 7,5% do Produto Interno Bruto (PIB) até 2020. O percentual pode chegar a 8%, considerando o investimento total no setor, o que inclui recursos do Financiamento Estudantil (Fies) e do Pronuni, por exemplo.

Esse é um dos pontos mais polêmicos do PNE, já que muitos deputados e movimentos ligados à educação defendem a destinação de 10% do PIB para a área. O texto original enviado pelo Executivo previa 7%. "Acredito que aplicar 7,5% do PIB vai permitir ao País dar um grande salto na qualidade da educação", disse Vanhoni.

A deputada Professora Dorinha Seabra Rezende (DEM-TO) apresentou emenda ao texto para que sejam aplicados os 10% do PIB. Ela afirmou que esse percentual deve ser investido de forma gradual. "Entendemos que a proposta do relator não é suficiente. No PNE de 2001 já havia sido aprovado o percentual de 7%. Agora as metas são mais ousadas. Muitos municípios não vão ter dinheiro para pagar o piso salarial dos professores, vão precisar de ajuda. Então, é preciso garantir mais", explicou.

Segundo Vanhoni, hoje o País aplica 5,1% do PIB em educação. Esse percentual inclui recursos da União, dos estados e municípios. A proposta do PNE também destina 50% dos recursos da União resultantes do Fundo Social do Pré-Sal – royalties e participações especiais referentes ao petróleo – para a manutenção e o desenvolvimento do ensino público.

Participaram da reunião da comissão especial secretários de educação, profissionais da área e pessoas surdas ou com deficiência auditiva, que defendem a inclusão, no PNE, da escola bilíngue para surdos. A reunião foi traduzida por uma intérprete da Língua Brasileira de Sinais (Libras). O relatório deve começar a ser votado na comissão especial no próximo dia 12. Da Agência Câmara.

0  0

### Comentários sobre "PNE: relator prevê R\$ 20 bilhões para alfabetização nos próximos dez anos"

0 comentário(s)